

## **PAISAGEM RURAL E TERRITÓRIO ECONÔMICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESSAS POSSIBILIDADES DE LEITURA DO ESPAÇO AGRÁRIO**

**Sergio Fajardo - FCT-UNESP (Doutorando em Geografia); Unicentro- Guarapuava-PR (Professor)**  
sergiofajardo@hotmail.com

Numa discussão conceitual e metodológica, as categorias e objetos de estudo da Geografia surgem como importantes elementos na formulação de interpretações e análises espaciais. Entendendo que o espaço é uma totalidade a ser desvendada, a sua leitura inicia parte dos seus componentes. Os recortes analíticos podem ser feitos a partir de uma diversidade de leituras e abordagens e correntes de pensamento. Conceitos como o próprio espaço, o território, a região, o lugar e a paisagem, permitem tratamentos distintos. O conceito de paisagem aparece aqui como uma das possibilidades de análise da realidade do espaço. O objetivo desse trabalho é estabelecer correlações existentes entre a paisagem rural e o território econômico nos estudos sobre organização do espaço agrário. Do mesmo modo que o espaço, numa visão geográfica, é amplo e dinâmico, sofrendo uma série de transformações na sua construção e produção a partir das inter-relações Sociedade/Natureza, a paisagem também possui esse caráter dinâmico, ainda que muitas abordagens enxerguem a mesma apenas superficialmente limitando-se aos aspectos visíveis do real.

Ao tratar do conceito de paisagem dentro da ótica da estruturação territorial no campo, temos que atentar ao significado dos termos trabalhados para que não haja confusão entre abordagens distintas, tendo em vista a própria imprecisão na diversidade conceitual. A terminologia “rural” na origem do significado latino “*rus*”, campo, tem duas acepções reconhecidas, uma no sentido de zona dedicada à exploração agrícola e outra como o termo que se opõe ao urbano. Atualmente uma tendência geral aponta para a segunda acepção (campo em oposição à cidade), a qual diferencia o rural de agrícola, criando a possibilidade de existirem zonas rurais não agrícolas (RIBAS VILAS, 1992, p.249). Bertrand (1971, p. 2) considera que paisagem não pode ser uma simples adição de elementos geográficos disparatados, mas consiste determinada porção do espaço resultado de combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos.

Partindo dessa definição, o campo, ou espaço agrário, pode ser inserido dentro da visão de “paisagem total” ou “integrada”. Como o próprio Bertrand (1971) refere-se à problemática, inclusive de cunho metodológico, de se analisar paisagens profundamente humanizadas como as paisagens urbanas. Nesse caso o meio rural surge numa situação um tanto privilegiada no tratamento sistêmico em comparação com o urbano ou mesmo o

natural. A paisagem rural evidencia a influência tanto de elementos bióticos e abióticos, como antrópicos (RIBAS VILAS, 1992, p. 250). No espaço rural, a base física, territorial, encontra-se materializada na paisagem conformada pela combinação desses elementos com as atividades humanas, sobretudo os processos econômicos.

O espaço rural, em sendo uma criação humana permanente, é dependente das populações camponesas que nele vivem e cultivam, e também de uma parte da burguesia urbana que detém seu domínio imobiliário e político, mas ele não pode existir fora das condições naturais, por também ser uma realidade ecológica. (PASSOS, 2001, p. 10). As questões ambientais, cada vez mais, suscitam a discussão ecológica sobre a destruição de paisagens naturais por meio do impacto antrópico.

Por sua vez, o território, numa abordagem econômica, é usualmente compreendido como base territorial física, seja na visão tradicional (geopolítica) de território de um Estado-Nação, seja na compreensão do espaço terrestre, enquanto superfície do planeta (MORO, 1991, p. 34), sob a qual se assenta uma sociedade. Numa economia globalizada, o processo econômico fica cada vez mais evidenciado nas transformações territoriais. As lógicas externas é que passam a comandar, (SANTOS, 2002, p.8-9), orientando as modificações na paisagem, organizam o espaço agrário. Onde se observa que a perda da autonomia local também reflete na perda da autonomia em termos de territorialidade. Assim, uma agricultura científica constituída na lógica global, pode ser identificada.

Cabe discutir sobre como essas possibilidades de leitura do espaço agrário, via paisagem (rural) ou território econômico, ou a combinação de ambas, permitem a melhor compreensão da organização espacial no meio rural. Tendo por bases essas reflexões é que estão aqui questionados os fundamentos teórico-metodológicos mais recorrentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**. São Paulo, 13 (11-27), 1971.

MORO, Dalton A. A organização do espaço como objeto da geografia. **Boletim de Geografia**, Maringá, 10 (01), dez.-1992.

PASSOS, Messias M. **Perspectivas de eco-história aplicada ao estudo da paisagem**. Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa, 2001.

RIBAS VILAS, Jordi. Planificación y gestión del paisaje rural. In: BOLÓS, Maria de. **Manual de ciência del paisaje**: teoria, método y aplicaciones. Madrid: Masson, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 9ª ed. São Paulo: Record, 2002.

## **PAISAJE RURAL Y TERRITORIO ECONÓMICO: ALGUNAS CONSIDERACIONES SOBRE ESAS POSIBILIDADES DE LECTURA DEL ESPACIO AGRARIO**

**Sergio Fajardo - FCT-UNESP (Doctorando en Geografía); UNICENTRO- Guarapuava-PR (Profesor)**  
sergiofajardo@hotmail.com

En la discusión conceptual y metodológica, las categorías y objetos de estudio de la Geografía surgen como importantes elementos en la formulación de interpretaciones y análisis espaciales. Entendiendo que el espacio es una totalidad a ser desvelada, su lectura parte de sus componentes. Los recortes analíticos pueden ser hechos a partir de una diversidad de lecturas, abordajes y cadenas de pensamiento. Conceptos como el propio espacio, el territorio, la región, el lugar y el paisaje, permiten tratamientos distinguidos. El concepto de paisaje aparece aquí como una de las posibilidades de análisis de la realidad del espacio. El objetivo de ese trabajo es establecer correlaciones existentes entre el paisaje y el territorio económico en los estudios sobre organización del espacio agrario. De igual manera que el espacio, en una visión geográfica, es amplio y dinámico, sufriendo una serie de transformaciones en su construcción y producción a partir de las interrelaciones Sociedad/Naturaleza, el paisaje también posee ese carácter dinámico, aunque muchos abordajes miran la misma sólo superficialmente limitándose a los aspectos visibles del real. Al tratar del concepto de paisaje dentro de la óptica de la estructuración territorial en el campo, tenemos que atender al significado de los términos trabajados para que no haya confusión entre abordajes distinguidos, con miras a la propia imprecisión en la diversidad conceptual. La terminología “rural” en el origen del significado latino “*rus*” campo, tiene dos acepciones reconocidas, una en el sentido de zona dedicada a la explotación agrícola y otra como el término que se opone al urbano. Actualmente una tendencia general apunta para la segunda acepción (campo en oposición a la ciudad), la cual diferencia el rural de agrícola, creando la posibilidad de existan zonas rurales no agrícolas (RIBAS VILLAS, 1992, p.249). Bertrand (1971, p. 2) considera que paisaje no puede ser una simple adición de elementos geográficos disparatados, pero consiste determinada porción del espacio resultado de combinación dinámica de elementos físicos, biológicos y antrópicos. Partiendo de esa definición, el campo, o espacio agrario, puede ser insertado dentro de la visión de paisaje “total” o integrada “”. Como el propio Bertrand (1971) se refiere a la problemática, inclusive de cuño metodológico, de analizarse paisajes profundamente humanizados como los paisajes urbanos. En ese caso el medio rural surge en una situación un tanto privilegiada en el tratamiento sistemático en comparación con el urbano o aún el natural. El paisaje rural evidencia la influencia tanto de elementos bióticos y abióticos como antrópicos (RIBAS VILLAS, 1992, p. 250). En el espacio rural, la base física, territorial, se

encuentra materializada en el paisaje conformado por la combinación de esos elementos con las actividades humanas, sobre todo los procesos económicos.

El espacio rural, en siendo una creación humana permanente, es dependiente de las poblaciones campesinas que en él viven y cultivan, y también de una parte de la burguesía urbana que detiene su dominio inmobiliario y político, pero él no puede existir fuera de las condiciones naturales, por también ser una realidad ecológica. (PASSOS, 2001, p. 10). Las cuestiones ambientales, cada vez más, suscitan la discusión ecológica sobre la destrucción de paisajes naturales por medio del impacto antrópico.

Por su parte, el territorio, en un abordaje económico, es usualmente comprendido como base territorial física, sea en la visión tradicional (geopolítica) de territorio de un Estado-Nación, sea en la comprensión del espacio terrestre, mientras superficie del planeta (VIVO, 1991, p. 34), bajo la cual se asienta una sociedad. En una economía globalizada, el proceso económico queda cada vez más evidenciado en las transformaciones territoriales. Las lógicas externas es que pasan a comandar, (SANTOS, 2002, p.8-9), orientando las modificaciones en el paisaje, organizan el espacio agrario. Donde se observa que la pérdida de la autonomía local también refleja en la pérdida de la autonomía en términos de territorialidad. Así, una agricultura científica constituida en la lógica global, puede ser identificada.

Cabe discutir sobre como esas posibilidades de lectura del espacio agrario, por medio del paisaje (rural) o el territorio económico, o la combinación de ambas, permiten la mejor comprensión de la organización espacial en medio rural. Teniendo por bases esas reflexiones es que están aquí cuestionados los fundamentos teórico-metodológicos más recurrentes.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**. São Paulo, 13 (11-27), 1971.

MORO, Dalton A. A organização do espaço como objeto da geografia. **Boletim de Geografia**, Maringá, 10 (01), dez.-1992.

PASSOS, Messias M. **Perspectivas de eco-história aplicada ao estudo da paisagem**. Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa, 2001.

RIBAS VILAS, Jordi. Planificación y gestión del paisaje rural. In: BOLÓS, Maria de. **Manual de ciência del paisaje**: teoria, método y aplicaciones. Madrid: Masson, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 9ª ed. São Paulo: Record, 2002.